

## **ÁREA TEMÁTICA: Gestão de Agronegócios**

### **A EXPORTAÇÃO DE MANGAS BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE SOBRE AS OPORTUNIDADES E DISTORÇÕES COMERCIAIS**

#### **AUTORES:**

**NILDO FERREIRA CASSUNDÉ JUNIOR**

Faculdade dos Guararapes  
cassundejr@uol.com.br

**FERNANDA RODA DE SOUZA ARAÚJO**

Faculdade dos Guararapes  
fernandaroda@uol.com.br

#### **Resumo**

O Brasil possui cerca de 851 milhões de hectares de superfície territorial, dos quais 380 milhões apresentam características próprias para agricultura, porém, apenas 45,5 milhões são terras atualmente agricultáveis. Apesar da pequena faixa de terra disponibilizada para o desenvolvimento da agricultura, o Brasil é um grande produtor de frutas tropicais tradicionais (abacaxi, banana, manga, melão, papaia e uva) e mostra-se capaz de ampliar sua participação na oferta dessas frutas, assim, a tendência de crescimento das exportações de frutas brasileiras continua fortalecida. O pólo Petrolina/Juazeiro, no submédio São Francisco, é, hoje, o maior centro produtor de mangas do país, respondendo por 93% das exportações da manga destinadas ao mercado mundial. Os principais destinos da manga têm sido a Europa, essencialmente os Países Baixos, e os Estados Unidos. A constante evolução de tais exportações tem sido sustentada principalmente pela conquista de novas e importantes clientelas, como, por exemplo, o Japão. Assim sendo, este estudo tem como objetivo analisar a situação atual da produção da manga no Vale do São Francisco (Petrolina e Juazeiro) frente às oportunidades, distorções comerciais e perspectivas de expansão para o mercado internacional da manga nordestina.

#### **Abstract**

Brazil has around 851 million hectares of territorial surface, of which 380 million have proper characteristics for agriculture, however, only 45,5 million is currently agricultural lands. In spite of small land for the agriculture's development, Brazil is a great producer of traditional tropical fruits (pineapple, banana, mango, melon, papaya and grape) and reveals capable of extend its participation in that marketplace. Brazilian fruit's share is relatively small in the world marketplace, but they are winning over consumers en masse. The Submiddle São Francisco Valley, biggest national mango belt, represents 93% of mango's exportation destined to the world wide market. Main destinations include Europe, essentially Netherlands, and United States. The exportation's evolution has been justifiable by the conquest of new and important costumers, like Japan. Thus, the purpose of this paper is to analyze the current situation of mango's production in São Francisco Valley (Petrolina and Juazeiro) and tries to understand the opportunities for the northeastern mango's international marketplace.

**Palavras-chave:** agronegócios, fruticultura, distorções comerciais

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil possui cerca de 851 milhões de hectares de superfície territorial, dos quais 380 milhões apresentam características próprias para agricultura, porém, apenas 45,5 milhões são terras atualmente agricultáveis (ANA/GEF/PNUMA/OEA, 2004).

Apesar da pequena faixa de terra disponibilizada para o desenvolvimento da agricultura, o Brasil é um grande produtor de frutas tropicais tradicionais (abacaxi, banana, manga, melão, papaia e uva) e mostra-se capaz de ampliar sua participação na oferta dessas frutas (AMARAL, DO CARMO, MAURY, 1999), assim, “a tendência de crescimento das exportações de frutas brasileiras continua fortalecida” complementa Bezerra (2002, p.1).

Nesse sentido, é possível dizer que a fruticultura brasileira vem se desenvolvendo com sucesso, nos últimos anos, devido à disponibilidade de tecnologias, ao surgimento de novos mercados e à redução de barreiras comerciais, aponta Pimentel (2000). “Nas últimas décadas, a produção de frutas vem se apresentando como um dos setores que têm contribuído decisivamente para o desenvolvimento do Nordeste brasileiro”, cuja tradição é de ser uma região exportadora de frutas (SIQUEIRA, 2003, p.5). Como consequência às conquistas no mercado externo tem-se “um aumento de área plantada, melhoria da qualidade da produção e da tecnologia usada pelo setor, além de maior profissionalização na etapa da comercialização. A geração de renda, empregos e divisas também acaba aumentando” ressaltam Vitti, et al (2003).

De todas as frutas atualmente comercializadas, a manga “é uma das mais populares do mundo, em função do seu amplo consumo nos países asiáticos e da América Latina” (PIMENTEL, ALVES, FILGUEIRAS, 2000, p.9), apresentando tendência de grande expansão da área plantada, com adoção de tecnologias modernas nas fases de produção e pós-colheita, em função do amplo mercado internacional (PIMENTEL, 1998, apud PIMENTEL, 2000).

Uma das principais regiões responsáveis pelo cultivo da manga no Nordeste é o Vale do São Francisco, representado pelas cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), que tem experimentado, nos últimos anos, um vertiginoso crescimento. A área plantada atinge cerca de 100 mil hectares, tendo essa atividade apresentado um desenvolvimento médio de 9 mil hectares/ano. Pode-se dizer, portanto, que o Vale do São Francisco constitui uma nova fronteira frutícola.

O pólo Petrolina/Juazeiro, no Submédio São Francisco, é, hoje, o maior centro produtor de mangas do país, respondendo por 93% das exportações da manga destinadas ao mercado mundial (VALEXPORT).

Assim sendo, este estudo tem como objetivo analisar a situação atual da produção da manga no Vale do São Francisco (Petrolina e Juazeiro) frente às oportunidades, distorções comerciais e perspectivas de expansão para o mercado internacional da manga nordestina.

## 2. METODOLOGIA

Inicialmente, por se ter poucos conhecimentos do problema a ser estudado, este estudo se caracteriza por ter natureza exploratória. A principal característica da pesquisa exploratória é, segundo Samara e Barros (1997, p.24), que nela “procura-se obter um primeiro contato com a situação a ser pesquisada ou um melhor conhecimento sobre o objeto em estudo levantado”. O estudo exploratório, de acordo com Cervo e Bervian (2002, p.69), “realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre os elementos componentes da mesma”.

Para o desenvolvimento do estudo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica como fonte para o desenvolvimento das idéias centrais e como referências aos principais dados utilizados ao longo do artigo.

### 3. MERCADO MUNDIAL DE MANGA

#### 3.1 A cultura da manga

A mangueira é considerada uma das mais importantes frutas tropicais cultivadas no mundo. Na América, o precursor de seu cultivo foi o Brasil, pela introdução das primeiras plantas no Rio de Janeiro, de onde se disseminaram para o resto do país.

A exploração da cultura da mangueira no Brasil, até a década de 60, era caracterizada por cultivos puramente extrativos de variedades nacionais denominadas mangas comuns. Esses pomares originaram-se pela propagação de sementes, resultando em muitos tipos regionais de mangueiras, que eram conduzidas sem nenhum trato cultural específico. A partir de 1970, foram introduzidas outras variedades, principalmente da América do Norte, que provocaram uma grande mudança no cultivo dessa frutífera, pois, apesar de produzirem frutos com características superiores, exigiam muito em termos de tratamentos culturais (SILVA, FONSECA, MOREIRA, 2002, p.6).

Atualmente, a mangueira está disseminada em quase todo o território brasileiro, e a área cultivada, em meados de 1996, segundo o Anuário, aproximava-se dos 55.000 hectares.

Apesar da vasta área de cultivo, o consumo da manga por habitante no mundo, ou seja, o consumo *per capita*, ainda é muito baixo, tanto nos países produtores quanto nos grandes importadores. Entretanto, a tendência de crescimento da produção e do comércio internacional nas últimas décadas mostra que novos mercados estão sendo criados (como, por exemplo, a Bélgica, que até 1999 nunca tinha importado manga e só em 2000 apareceu como o 9º maior importador com US\$18.070 milhões) e ampliados, ou seja, ainda existe um grande público consumidor a ser conquistado, desde que sejam definidas estratégias para aumentar a oferta de frutos de boa qualidade, ter preços competitivos, realizar campanhas de promoção do produtor, como degustação, e lançar produtos diferenciados, com maior valor agregado, tais como sucos, doces, polpas, entre outros, ressalta Siqueira (2003).

#### 3.2 Produção brasileira de manga

“A crescente demanda por manga para o consumo *in natura* tem proporcionado uma elevação da produção nos principais países produtores”, destaca Pimentel (2000, p.168).

**Tabela 1 – Evolução da produção de manga nos principais países produtores entre 1991-1998 (em 1.000t)**

	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
Índia	8.752	9.223	10.110	10.990	11.500	12.000	12.000	12.000
México	1.117	1.075	1.151	1.117	1.342	1.188	1.500	1.537
China	984	1.123	1.289	1.571	1.957	2.002	2.149	2.149
Paquistão	776	787	793	839	883	907	914	916
Indonésia	640	484	460	668	888	782	605	605
Tailândia	950	980	1.000	1.200	1.200	1.400	1.350	1.250
Nigéria	520	550	583	607	631	656	689	731
<b>Brasil</b>	<b>550</b>	<b>551</b>	<b>563</b>	<b>604</b>	<b>638</b>	<b>593</b>	<b>600</b>	<b>600</b>
Filipinas	306	330	335	571	595	932	1.028	950
Haiti	280	230	230	225	220	210	201	225
Demais países	2.481	2.451	2.507	2.685	2.758	2.805	2.803	2.905
Total mundial	17.356	17.784	19.021	21.077	22.612	23.475	23.484	23.868

FONTE: FAO, 1999.

Observa-se, segundo a tabela 1 acima, que no período de 1991 a 1998 a oferta de manga cresceu 37,5%, com expansão média de 4,6% ao ano. O Brasil, à época, apresentou expansão de apenas 9,1%, crescimento médio de 1,25% ao ano e foi o nono país em termos de produção mundial de manga, com 2,5% (PIMENTEL, 2000).

Para Siqueira (2003, p.59), o Brasil conseguiu se posicionar de maneira competitiva no mercado ao redirecionar sua capacidade de produção para variedades com boa aceitação no mercado externo, como a *Tommy Atkins* e *Haden*, e ao estimular a formação de pólos produtores em áreas com produtividade elevada. Esse estímulo é necessário já que a “situação mostra que o país necessita intensificar sua produção, para elevar a participação no mercado internacional”, salienta Pimentel (2000, p.168).

Nesse sentido, os pólos de Juazeiro, na Bahia, e de Petrolina, em Pernambuco, são dois bons exemplos. Esses pólos passaram a ser referência nacional no cultivo da manga e exportam quase que a totalidade de sua produção para os principais mercados mundiais.

**Tabela 2 – Exportação de manga no Vale do São Francisco**

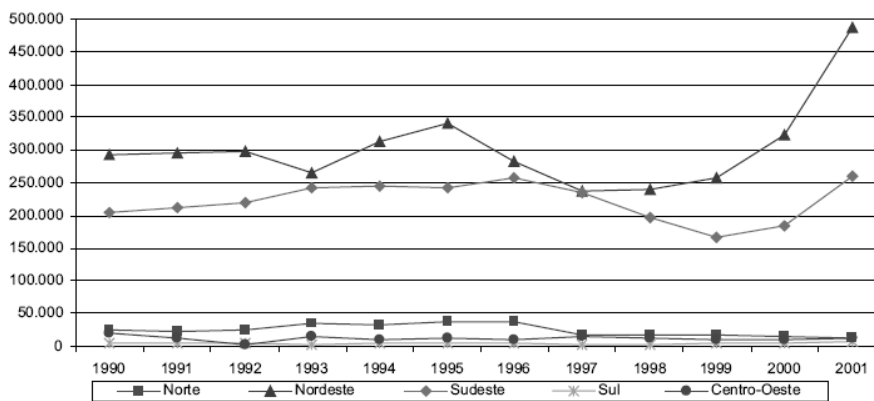
ANO	EM TONELADAS			EM US\$1.000,00		
	VALE	BRASIL	PARTICIPAÇÃO	VALE	BRASIL	PARTICIPAÇÃO
1997	21.500	23.370	92%	18.600	20.182	92%
1998	34.000	39.185	87%	29.750	32.518	91%
1999	44.000	53.765	82%	28.600	32.011	89%
2000	57.200	67.000	85%	37.180	43.550	85%
2001	81.155	94.291	86%	43.443	50.814	85%
2002	93.559	103.598	90%	45.962	50.894	90%
2003	124.620	133.330	93%	68.256	73.394	93%

FONTE:: secex/DTIC (VALEXPORT)

De acordo com os dados da tabela 2 acima, pode-se dizer que apesar da região Nordeste ter sofrido com um grande período de seca entre 1997 e 2001, é possível perceber que, mesmo assim, sua contribuição no que se refere à exportação de mangas manteve-se significativamente elevada, acima de 81% do total das exportações brasileiras.

De acordo com as projeções, tudo indica que a produção de manga no Vale do São Francisco deverá quintuplicar em relação à safra de 1998 (AGLAND INVESTMENT SERVICES, 1999 apud PIMENTEL, 2000). Dados mais atuais, encontrado em Siqueira (2003), sugerem que entre 1990 e 2001, o Nordeste aumentou sua produção em 67% (passou de 292 mil toneladas para 487 mil toneladas), e sua participação na produção nacional atingiu 62,28% em 2001, ao passo que outras regiões perderam participação, conforme o gráfico 1 abaixo.

**Gráfico 1 – Produção brasileira de manga, segundo região – 1990/2001 (em toneladas)**



FONTE: Siqueira, 2003, p.48

Os 10 maiores pólos produtores de manga atingiram uma produção de aproximadamente 422 mil toneladas, significando o equivalente a 54% do total nacional. O destaque vai para o Vale do São Francisco (Juazeiro e Petrolina), com produções de 128.739 toneladas e 80.452 toneladas, respectivamente. A tabela 3 abaixo traz a produção das principais microrregiões por toneladas para o ano de 2001.

**Tabela 3 – Produção das principais microrregiões por toneladas para o ano de 2001**

Ranking	Microrregião	Toneladas	%
1	Juazeiro (BA)	128.739	16,46
2	Petrolina (PE)	80.952	10,35
3	Jaboticabal (SP)	73.169	9,35
4	Livramento do Brumado (BA)	42.515	5,43
5	São José do Rio Preto (SP)	25.609	3,27
6	Nhandeara (SP)	17.915	2,29
7	Andradina (SP)	15.154	1,94
8	Jales (SP)	14.842	1,90
9	Vale do Açu (RN)	12.905	1,65
10	Itaberaba (BA)	9.948	1,27
11	Demais microrregiões	360.600	46,09
TOTAL		782.348	100,00%

FONTE: IBGE, Produção agrícola municipal

### 3.3 Evolução e perspectivas para as exportações de mangas brasileiras

“As exportações brasileiras de frutas apresentaram uma evolução favorável no início da década de 90 (crescimento de 80% do valor exportado entre 1990 e 1992), mas depois permaneceram estagnadas em um patamar de US\$100 milhões no restante dos anos 90” (LACERDA, LACERDA, ASSIS, 2004, p.3). As vendas externas só voltaram a aumentar em 1999, atingindo o valor de US\$162 milhões, o que significou um crescimento de 36%.

Apesar de o Brasil ter uma participação razoável na exportação de frutas tropicais, as exportações de manga ainda representam um percentual muito pequeno da quantidade produzida mundialmente. A participação máxima alcançada nos últimos quarenta anos é de 2,49% da produção mundial no ano de 2000. Nesse mesmo período, “a participação média das exportações na produção foi de, respectivamente, 0,07% nos anos 60, 0,21% nos anos 70, 0,67% nos anos 80 e 1,81% nos anos 90”, destaca Siqueira (2003, p.25). A elevação do índice dos anos 90 está atrelada ao aumento da demanda mundial, dizem Lacerda, Lacerda e Assis (2004), o que fez com que a fruticultura brasileira tomasse um novo impulso. Projeto de irrigação e avanços tecnológicos também proporcionou a ampliação de produção de frutas na região do semi-árido nordestino (Petrolina e Juazeiro). Outro fator importante apontado por Siqueira (2003) foram os esforços realizados pelos produtores brasileiros, nesse período, a fim de melhorar o posicionamento no mercado externo através do cultivo de novas variedades e da implantação de projetos competitivos. Isso permitiu um salto na participação das exportações na produção interna de menos de 1% entre as décadas de 60 e 80 para 12,48% em 2000.

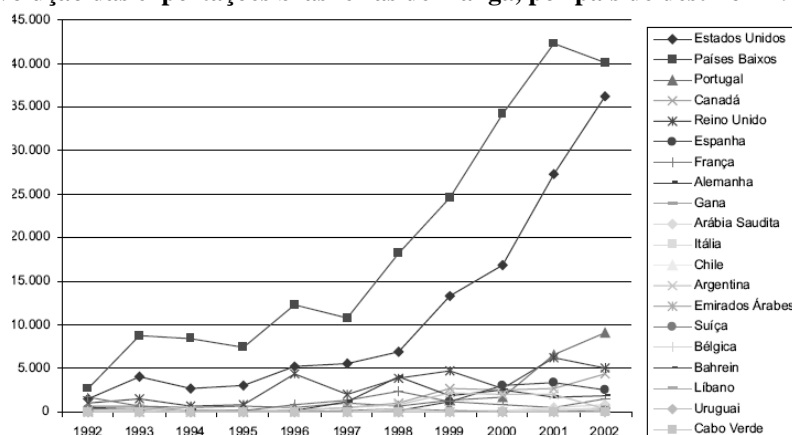
Para Siqueira (2003, p.26), a tendência das exportações mundiais de manga pode ser classificada em quatro fases distintas, sejam elas: a primeira, de baixo e lento crescimento, entre 1961 e 1970; a segunda, de maior crescimento, entre 1971 e 1980; a terceira, de alto crescimento, entre 1981 e 1990 e, por fim, a quarta fase, entre 1991 e 2000. A tabela 4 abaixo mostra a participação da exportação na produção de manga – 1961/2000 em termos de percentual médio.

**Tabela 4 – Participação da exportação na produção de manga – 1961/2000 (% médio)**

	1961-1970	1971-1980	1981-1990	1991-2000	1961-2000
Mundo	0,07	0,21	0,67	1,81	0,69
Índia	0,02	0,04	0,17	0,30	0,13
China	0,00	0,00	0,00	0,06	0,01
México	0,31	1,74	3,34	11,42	4,20
Tailândia	0,00	0,00	0,24	0,52	0,19
Indonésia	0,01	0,04	0,05	0,09	0,05
Paquistão	0,01	0,30	1,36	2,80	1,12
Filipinas	3,55	2,90	3,00	5,93	3,84
Nigéria	0,00	0,00	0,01	0,03	0,01
<b>Brasil</b>	<b>0,00</b>	<b>0,01</b>	<b>0,54</b>	<b>5,17</b>	<b>1,43</b>
Egito	0,30	0,35	0,74	0,70	0,52

FONTE: Siqueira, 2003, p.26.

As exportações de mangas brasileiras estão concentradas nos Estados Unidos e nos Países Baixos (Europa), e respondem, respectivamente, por participações médias no valor de 37% e 34%, significando um total de 71% do valor das exportações do Brasil em 2002. A manga vendida para os Estados Unidos é consumida no próprio país, enquanto que as mangas que são comercializadas para os Países Baixos são redistribuídas para outros países europeus (SIQUEIRA, 2003). O gráfico 2 abaixo apresenta a evolução das exportações brasileiras de manga por país de destino no período de 1992 a 2002 (valores expressos em toneladas).

**Gráfico 2 – Evolução das exportações brasileiras de manga, por país de destino – 1992 a 2002 (em t)**

FONTE: Secex/MDIC (Siqueira, 2003, p.33)

Ao se fazer uma análise em toneladas por país de destino (gráfico 2), é possível perceber que apesar da evolução das exportações brasileiras nos Estados Unidos terem crescido vertiginosamente com a dos Países Baixos, é nos Países Baixos que existe o maior volume em todo o período de 1992-2002, caracterizando, como já foi dito, um cliente de maior valor para o Brasil. Tal desempenho mostra que o produto brasileiro tem forte penetração nos mercados mais competitivos, entretanto, faz-se necessário desenvolver estratégias para desconcentrar as exportações nacionais, por meio das vendas para a Ásia e o Oriente Médio (SIQUEIRA, 2003, p.30).

Para o Brasil, aponta Pimentel (2000), o principal concorrente no mercado americano é o México, que é o maior fornecedor de mangas. O item que mais afeta a competitividade da manga brasileira, naquele mercado, é o transporte, já que o México gasta muito pouco em relação ao Brasil devido à proximidade entre os centros produtores e o mercado. Porém, o Brasil leva vantagem entre os meses de outubro a dezembro, período de entressafra mexicana, não tendo concorrentes no mercado mundial. Já com relação à Europa, os principais concorrentes do Brasil são a Índia, Paquistão e a África do Sul.

Outro aspecto importante a ser considerado e que pode explicar o fraco desempenho do Brasil com relação à exportação de mangas são as distorções comerciais, tais como: os altos requisitos de qualidade, restrições fitossanitárias, barreiras protecionistas, assimetria de informações, falta de coordenação dos produtores, pouco incentivo em divulgação e em pesquisa e falta de apoio do Governo. “Todos esses fatores vêm tornando extremamente seletivo o acesso de novos exportadores brasileiros aos mercados internacionais, principalmente na União Européia” (LACERDA, LACERDA, ASSIS, 2004, p.5).

### 3.4 Distorções comerciais

A intensificação do comércio internacional a partir da década de 80, com o surgimento de diversos blocos econômicos e a consolidação dos existentes, têm proporcionado uma redução das barreiras tarifárias. Concomitantemente, tem-se observado um crescimento de barreiras não tarifárias, sobretudo nos países de maior renda *per capita*. Observa-se, ainda, um tratamento não tarifário diferenciado para um mesmo produto em países diferentes. No caso da manga brasileira, a principal barreira são as exigências relacionadas com o aspecto fitossanitário que vão da proibição aplicada por China e Coréia, à imposição de inspeção na origem e destino, certificação sanitária e de qualidade, tratamento especial e outras exigências relativas à embalagem. A Tabela 5 mostra as exigências tarifárias e não tarifárias impostas à manga brasileira pelos principais países importadores. Considerando-se a tendência global de aumento das exigências não tarifárias, os exportadores brasileiros precisam manter-se atentos a qualquer mudança, para desenvolver ações neutralizadoras com os órgãos governamentais (PIMENTEL, ALVES, FILGUEIRAS, 2000, p 4)..

**Tabela 5 – Principais barreiras à exportação de manga brasileira**

País	Tratamentos tarifários	Medidas não tarifárias
Argentina	Regime de livre comércio no Mercosul. Em todas as importações argentinas são cobrados IVA de 21% e um adicional IVA de 10%, ambos sobre valor CIP.	Certificado de origem Mercosul Certificado de exame pré-embarque Certificados fitossanitários
Chile	Não tem.	Controle fitossanitário
Canadá	Imposto de Mercadoria e Serviços com alíquota de 7%, calculado no valor FOB mais alíquota aduaneira.	Proibida importação de frutas não embaladas para venda sob consignação Certificado que são livres de doenças e de resíduos de terra
Estados Unidos	Alíquota <i>ad valorem</i> de 0%; taxa de processamento de mercadorias de 0,21%; taxa de movimentação portuária e uma taxa <i>ad valorem</i> de 0,125%.	Licenciamento prévio Tratamento com água quente, inspeção nas áreas de origem e nos portos de desembarque
União Européia	Não tem.	Licença prévia de importações Certificado sanitário de exportação
Japão	Alíquota de 4% CIF + 5% sobre valor CIF acrescido de imposto aduaneiro.	Proibição de importação de regiões onde há incidência de insetos ou pragas Certificado sanitário pelo país exportador Inspeção sanitária no desembarque

FONTE: RADAR (1999)

No mundo atual é observada uma crescente tendência à adoção de políticas de liberalização comercial nos países desenvolvidos e em desenvolvimento (GALVÃO, 1998). Porém, por outro lado, há um movimento de resistência a essa tendência, conduzida pelos setores produtivos internos em várias partes do mundo, resultando em um complexo sistema de barreiras que, muitas vezes, inviabiliza o desenvolvimento de determinados setores produtivos (PIMENTEL, 2000, p.173).

No caso das exportações brasileiras de mangas, as principais distorções comerciais apontadas por Lacerda, Lacerda e Assis (2004) são, conforme ditas anteriormente: os altos requisitos de qualidade, restrições fitossanitárias, barreiras protecionistas, assimetria de informações, falta de coordenação dos produtores, pouco incentivo em divulgação e em pesquisa e falta de apoio do Governo. Pimentel (2000) complementa que, o acesso ao mercado internacional para as frutas tropicais brasileiras, como a manga, apesar de sua evolução tecnológica no que se relaciona à produção, é dificultado em alguns países por barreiras protecionistas impostas por nações com maior poder de barganha no cenário internacional, com destaque para o certificado fitossanitário e licença prévia de importação.

A logística também emperra as exportações de mangas brasileiras. Lima e Miranda (2000) afirmam que as atividades de pós-colheita se vêm prejudicadas por conta de uma infra-estrutura de transporte não especializada. As mangas do Vale do São Francisco estavam, até poucos meses atrás, sendo exportadas quase que somente através de portos inadequados, apresentando elevados custos de embarque. Para piorar a situação, o transporte até os portos era feito somente em estadas mal conservadas, o que provocava, inevitavelmente, danos às mercadorias, além de encarecer o produto. Nesse sentido, a recente ampliação do Aeroporto de Petrolina – Senador Nilo Coelho, com uma infra-estrutura maior e mais especializada para atender esse tipo de mercadoria perecível, com câmaras frigoríficas e de armazenagem, criou a possibilidade do transpor de mangas através dos cargueiros intercontinentais. Assim sendo, conferiu as expectativas de superação dos entraves com relação à logística do transporte das mangas.

Com relação à questão fitossanitária, Lima e Miranda (2000) também concordam que ela é um gargalo para as exportações de mangas brasileiras. “A manutenção de restrições fitossanitárias e demora nos processo de certificação funcionam como barreiras significativas” destaca o documento da Embaixada do Brasil em Washington, D.C (2000, p.21).

Apesar do sucesso da manga brasileira no mercado europeu, para que sua presença seja consolidada, vários obstáculos ainda devem ser superados:

- redução da dependência em relação à variedade Tommy Atkins e utilização de variedades mais ricas em sabor e menos fibrosas;
- os exportadores devem manter contato permanente com os importadores;
- os produtores devem, no curto prazo, encontrar novas formas de adicionar valor ao produto;
- os exportadores devem promover campanhas, participando de encontros e feiras nacionais e internacionais;
- os produtores/exportadores devem procurar ofertar manga durante todos os meses do ano.

### **3.5 Oportunidades para o comércio internacional da manga**

O desenvolvimento da fruticultura no Nordeste, apóia-se em condições climáticas singulares, afirma Lima e Miranda (2000). Os autores completam ainda que essa agricultura em bases irrigadas pode se desenvolver nas melhores condições de sanidade das mangueiras, permitindo assim várias colheitas anuais. A essa colheita, deve-se a uma técnica desenvolvida em que a flor da manga passa por um processo de adormecimento, permitindo à região ter colheita o ano todo. O pólo Petrolina/Juazeiro, favorecido pelo número de incentivos, desenvolveu um potencial competitivo que promove para a região rendimentos e qualidades nos produtos superiores às demais regiões do país.

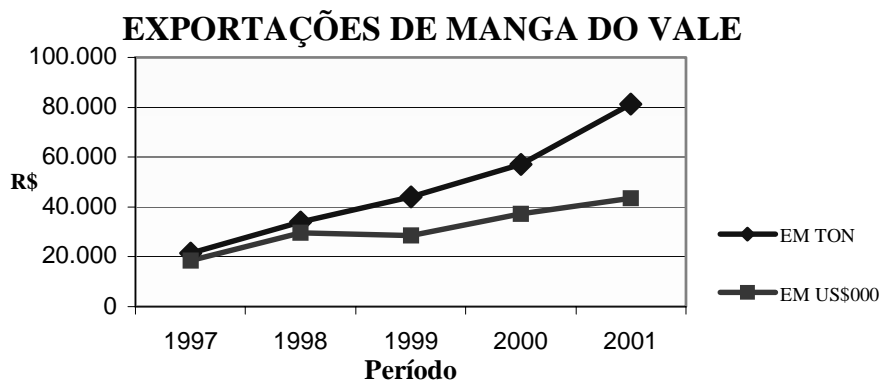
As oportunidades que existem no pólo devem-se ao pioneirismo na implantação dos grandes projetos públicos e privados de irrigação produzindo uma poderosa infra-estrutura de



suporte ao processo modernizante, salienta Lima e Miranda (2000). Não esquecendo que o sistema de cooperação entre produtores possui uma associação fortemente vinculada com mercado externo e com instituições de pesquisa fazendo dessa característica um potencial de oportunidades. Fatores como conhecimento, qualificação da mão-de-obra, pesquisa e desenvolvimento, propiciam um horizonte mais diversificado e mais abrangente fortalecendo suas vantagens comparativas (LIMA e MIRANDA, 2000).

Galvão e Vergolino (2004, pg. 185) lembram dos elevados investimentos em modernos equipamentos, associado a uma agressiva campanha de *marketing* que culminou numa expansão vigorosa das exportações no fim da década de 90, consolidando as vendas no Vale, conforme demonstrado no gráfico 3. Isso só vem a corroborar com a afirmação que há um elevado nível competitivo no pólo.

**Gráfico 3 – Evolução das exportações de manga do Vale – 1997 a 2001 (em R\$)**



FONTE: SECEX/DTIC

A sazonalidade é uma característica da cultura da mangueira. No entanto, Lima e Miranda (2000), salientam que a manga da região é colocada no mercado externo na época de entressafra no hemisfério norte, favorecendo oportunidades por não precisar dividir o mercado com um de seus maiores concorrentes, o México.

**Tabela 6 – Exportações mundiais: períodos de oferta de manga**

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
México												
Brasil												
Equador												
Honduras												
Venezuela												
Peru												
Guatemala												
Costa Rica												
África do Sul												
Costa do Marfim												
Israel												
Índia												
Paquistão												
Filipinas												

FONTE: Embrapa (2002)

Nota: Para o Brasil a área em preto representa as exportações concentradas para os Estados Unidos; a área em cinza escuro representa as exportações concentradas para a Europa e a área em cinza claro as exportações unicamente para a Europa.

As exportações mundiais de manga concentram-se entre abril e setembro, época em que os preços internacionais alcançam os níveis mais baixos. Nesse período, os principais exportadores são México (80% das vendas para os Estados Unidos e 20% para a Europa), Índia, Paquistão e Filipinas, como se pode ver na acima (SIQUEIRA, 2003). Entre outubro e dezembro e janeiro e março, os maiores produtores mundiais reduzem a oferta do produto e os preços internacionais são mais altos. Os principais exportadores nessa fase são o Brasil e, em menor escala, o Equador e o Peru (EMBRAPA, 2002).

É preciso lembrar ainda que existem produtores e exportadores preocupados com os aumentos de investimentos na produção e na queda na rentabilidade no mercado externo, Vitti et al (2004), apresenta como possíveis saídas a conquista de fronteiras, como por exemplo o mercado asiático, investimentos em propaganda e promoção de produtos brasileiros e a necessidade das negociações brasileiras demonstrarem credibilidade e profissionalismo.

Outra medida, segundo Vitti et al (2004), de encontrar oportunidades de mercado seria “a realização de uma pesquisa das preferências e da cultura de outros países, [...] possibilitando a oferta de forma diferenciada de acordo com a exigência de cada segmento do mercado”. Sem dúvida que a boa aparência do produto é levada em consideração ao se fazer uma negociação e, portanto, a adoção de selos de certificação e um adequado manejo integrado de pragas com vistas a manter a qualidade internacional abrindo possibilidades de “expandir as janelas de exportação”, salientam os autores.

Os custos de produção também são vistos como variáveis incentivadoras de oportunidades por parte dos produtores, já que estas se bem reduzidas, elevaram a margem de lucro (VITTI et al, 2004).

As oportunidades precisam ser levantadas, pois, “o volume total produzido tende a diminuir os ganhos no mercado internacional, caso não sejam conquistados novos países consumidores ou não ocorra aumento da demanda pelos países importadores. Esse impacto não deverá ser sentido por parte dos produtores que investirem em produtividade, qualidade, tecnologia na produção e na pós-colheita” (VITTI et al, 2004, p.7).

Ao falar em qualidade, naturalmente é preciso lembrar das pragas, que, comparando com seus concorrentes internacionais, Pimentel (2000) diz que o Brasil possui boas vantagens de oportunidades justamente no “ponto fraco” dos adversários. Nascimento e Carvalho (1998) lembram que a África do Sul, a Índia, Filipinas, Austrália, o Quênia, Nigéria, Moçambique, Venezuela, entre outros, são impedidos de exportar para os EUA em função do gorgulho da semente da manga, um tipo de praga.

Segundo RADAR, de 1999, uma percepção de possíveis oportunidades está atrelada à elasticidade-preço dos clientes e quanto a esse requisito a um médio prazo o mercado europeu é mais promissor para a manga brasileira quando comparada ao Estados Unidos. Pimentel (2000) corrobora salientando que a União Européia juntamente com o Sudeste Asiático são grandes oportunidades de expansão.

Pimentel (2000) salienta ainda que oferecer variedades, que apresentem as condições procuradas pelos consumidores, é possuir um potencial competitivo e assim pode-se abrir as portas para oportunidades. Observando o aspecto do monitoramento do mercado, o autor lembra que é uma forma de identificar oportunidades. A esse monitoramento encontra-se: “conhecer os principais concorrentes, considerando o tipo, qualidade e época da manga ofertada, bem como a capacidade de fornecimento, o nível tecnológico e a estrutura de custos, principalmente o de transporte”.

As oportunidades segundo, Pimentel, Alves e Filgueiras (2000) podem estar na diversidade do mercado, ao mesmo tempo em que pode oferecer produtos processados em forma de polpa/purê/concentrado, utilizados na composição de sucos, sorvetes, molhos e

*chutneys*. Observa-se, também, um amplo mercado para fatias de manga congelada nos Estados Unidos e na Europa.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Brasil dispõe de uma série de variáveis que podem ser usadas em seu favor com vantagens naturais no mercado internacional, tais como o clima e a diversidade de produtos. Além disso, o calendário de suprimento de frutas indica que, no caso de algumas frutas tropicais, o Brasil produz na entressafra dos principais países produtores e exportadores, o que lhe permitiria obter vantagens comerciais, como preços mais elevados e um menor número de concorrentes no mercado (LACERDA, LACERDA e ASSIS, 2004).

Uma maior inserção internacional do país no mercado mundial de frutas exige, no entanto, a superação dos pontos de estrangulamento mencionados, no sentido de melhorar a qualidade e a produtividade na esfera produtiva e uma organização mais eficiente da comercialização, condições necessárias para transformar nossas vantagens naturais em competitivas. Deve-se não só produzir as variedades de frutas com boas perspectivas nos mercados externos, como também fazer uso do *marketing* para torná-las conhecidas, incentivar e fazer crescer os mercados de frutas tropicais. Frutas como a papaia e a manga ainda são praticamente desconhecidas pelo consumidor dos países centrais. Na Europa, por exemplo, apenas 3% dos consumidores já provaram uma papaia e 23% uma manga. Campanhas de divulgação como a logomarca “Brazilian Fruit”, a um custo de US\$ 6,5 milhões, realizadas em feiras na Europa em 1998, podem tornar mais conhecidas as frutas brasileiras com maior potencial produtivo e de consumo.

A razão principal do modesto desempenho brasileiro na área de exportações de frutas é devida aos produtos não serem motivados a exportar, pois com um largo mercado interno, pouco exigente e lucrativo, complementam Lacerda, Lacerda e Assis (2004).

Além das ações específicas para cada fruta, existe a necessidade de se convencer os produtores a se organizarem para enfrentar os desafios da qualidade e produtividade que existem nos mercados externos, e mais ainda, para atingir uma escala comercial de acordo como os padrões internacionais (LACERDA, LACERDA e ASSIS, 2004).

Além de promover o conhecimento e hábitos de consumo de frutas tropicais com mercados ainda pouco expressivos, podemos ser mais atuantes em outros mercados mais importantes, como os de banana abacaxi, aumentando nossa participação no fornecimento desses produtos. Ou ainda como defende Faveret et al (1999), uma estratégia a ser seguida talvez possa ser a combinação da montagem de estrutura de ineficiências, assim como integrando as estruturas produtivas de frutas frescas e de processamento, com uma exportação brasileira de frutas frescas e de processamento, com o objetivo de obter uma maior agregação de valor, apontam Lacerda, Lacerda e Assis (2004).

Atualmente, é sabido que com a abertura cada vez maior para o mercado asiático, as oportunidades mercadológicas tendem a evoluir. Avaliando por essa ótica, sugerem-se estudos posteriores sobre esse novo mercado emergente.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AMARAL, Cicely Moitinho; DO CARMO, Heron Carlos Esvael; MAURY, Patrick Maurice. **Estudos sobre o mercado de frutas**. São Paulo: FIPE, 1999.

ANA/GEF/PNUMA/OEA. **Projeto de gerenciamento integrado das atividades desenvolvidas em terra na bacia do São Francisco**. Brasília: Estudo técnico de apoio ao PBHSF nº 12, abril de 2004.

BEZERRA, Francisco Férrer. Apresentação. In: PIMENTEL, Carlos Roberto Machado; PEREIRA FILHO, João Eduardo. **Demandas de pesquisas tecnológicas para a fruticultura cearense**. Fortaleza: Embrapa Agroindústria tropical, 2002.

CERVO, Amado; BERVIAN, Pedro. *Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo: Prentice-Hall, 2002.

EMBAIXADA DO BRASIL. **Barreiras aos produtos e serviços brasileiros**. Out. 2002.

EMBRAPA. **A cultura da mangueira**. Brasília: 2002.

FAO **Agricultural production: crops primary-production mangoes**. [on line] Disponível em: <<http://apps.fao.org>>. Acesso em: 20/02/2005.

FAVERET FILHO, Paulo. et al. **Fruticultura brasileira: a busca de um modelo exportador**. BNDES, rio de Janeiro, 1999.

GALVÃO, O. J. A. Tendências do comércio internacional: impactos sobre o Brasil e a Região Nordeste. In: GALVÃO, O.J.A., BARROS, A.R., HIDALGO, A.B. **Comércio internacional e Mercosul: impactos sobre o Nordeste Brasileiro**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1998.

GALVÃO, O. J. A.; VERGOLINO, J. R. O. **O comércio e a inserção competitiva do nordeste no exterior e no Brasil**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004.

LACERDA, Marta Aurélio Dantas; LACERDA, Rogério Dantas; ASSIS, Poliana Cunha de Oliveira. A participação da fruticultura no agronegócio brasileiro. **Revista de biologia e ciências da terra**. v.4, n.1, 2004.

LIMA, João Policarpo R.; MIRANDA, Érico Alberto de A. Fruticultura irrigada no Vale do São Francisco: incorporação tecnológica, competitividade e sustentabilidade. In: **III Encontro Regional de Estudos do Trabalho – ABET**. Recife, 22 a 24 de Novembro de 2000. Disponível em: <<http://www.race.nuca.ie.ufrj.br/abet/3reg/20.DOC>>. Acesso em: 10/03/2005.

NASCIMENTO, A. S. do; CARVALHO, R. S. Pragas da mangueira. In: BRAGA SOBRINHO, R.; CARDOSO, J. E.; FREIRE, F. C. **Pragas de fruteiras tropicais de importância agroindustrial**. Brasília: EMBRAPA, 1998.

PIMENTEL, Carlos Roberto Machado. Oportunidades e barreiras à expansão do comércio internacional para a manga nordestina. **Revista Econômica do Nordeste**. Fortaleza, v.31, n.2, p. 166-176, abr-jun 2000.

PIMENTEL, C. R. M.; ALVES, R. E.; FILGUEIRAS, H. A. C. Mercado internacional de manga: situação atual e perspectivas. In: PIMENTEL, C. R. M. et al. **Frutas do Brasil: Manga Pós-colheita**. Fortaleza: Embrapa Agroindústria Tropical, 2000.

RADAR. **Frutas tropicais alguns indicadores de demanda**. [on line] Disponível em: <<http://radar.com.br>>. Acesso em: 15/03/2005.

SAMARA, Beatriz Santos; BARROS, José Carlos de. *Pesquisa de Marketing: conceitos e metodologia*. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 1997.

SILVA, Carlos Ramirez de Rezende e; FONSECA, Elda Bonilha Assis; MOREIRA, Maria Aparecida. **A cultura da mangueira**. Minas Gerais: UFLA, 2002.

SIQUEIRA, Tagore Villarim de. **A cultura da manga: desempenho no período 1961/2001**. Rio de Janeiro: BNDES, 2003.

VITTI, Aline, et al. **Perspectivas da fruticultura brasileira exportadora frente aos novos investimentos**. 2004. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/pdf/oca03.pdf>>. Acesso em: 26/02/2005.